

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

JÉSSICA RODRIGUES COSTA

**SER MULHER-MÃE-PESQUISADORA: QUAIS OS PROCESSOS DE
RESISTÊNCIA ENFRENTADOS POR UMA PROFESSORA DA UNIVERSIDADE
TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CAMPO MOURÃO
2019**

**SER MULHER-MÃE-PESQUISADORA: QUAIS OS PROCESSOS DE
RESISTÊNCIA ENFRENTADOS POR UMA PROFESSORA DA UNIVERSIDADE
TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientador: Prof. Dr Gustavo Pricinotto
Co-orientador: Prof. Ms Alexandre Luiz Polizel



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná
Câmpus Campo Mourão
Departamento Acadêmico
de Química - DAQUI
Curso de Licenciatura em
Química



TERMO DE APROVAÇÃO

SER MULHER-MÃE-PESQUISADORA: QUAIS OS PROCESSOS
DE RESISTÊNCIA ENFRENTADOS POR UMA PROFESSORA DA
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

por

JÉSSICA RODRIGUES COSTA

Este trabalho foi apresentado em 06 de dezembro de 2019, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química. A Candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Prof. Dr. Gustavo Pricinotto
(UTFPR)
(Orientador)

Prof. Me. Alexandre Luiz Polizel
(UTFPR)
(Coorientador)

Prof^a. Dr. Leticia Ledo Marciniuk
(UTFPR)

Prof^a. Dr. Estela dos Reis Crespan
(UTFPR)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me permitir vencer todos os obstáculos e chegar até aqui.

Agradeço também a minha família, ao meu esposo por ter paciência comigo e me dado total apoio e força para continuar, a minha filha a minha razão de viver ela foi minha força, meu amparo, minha inspiração, ela sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difícil ela foi a luz para mim seguir em frente e não desistir. Só tenho a agradecer a minha mãezinha que sempre se preocupou comigo a cada ligação mesmo a distância só para saber se eu fui bem numa prova e que me conhece só pela voz e me acalma me dando força e dizendo pra mim ter fé que eu iria conseguir, ao meu pai que no começo me ajudo financeiramente, quero agradecer as minhas irmãs por sempre me apoiarem obrigada por cada ligação por sempre se preocuparem comigo e as minhas sobrinhas amo todos vocês.

Aos amigos que eu fiz durante a graduação, obrigada por fazerem parte da minha vida acadêmica.

Quero agradecer a professora mãe, que colaborou com este trabalho compartilhando suas vivências.

Agradeço a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, aos professores que fizeram parte da minha formação profissional e também pessoal.

Ao meu orientador Prof. Gustavo Pricinotto por acreditar nesse trabalho e por toda força positiva me dizendo que tudo iria dar certo.

E por fim agradeço a minha banca por toda contribuição e pela paciência na leitura deste trabalho.

COSTA, Jéssica Rodrigues. **Ser mulher-mãe-pesquisadora:** quais os processos de resistência enfrentados por uma professora da universidade tecnológica federal do paraná. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão, 2019.

RESUMO

Atualmente transladamos por percursos que insistem em distanciar mulheres mães de seus ambientes profissionais. Por este motivo, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar e sistematizar o processo de normatização da marginalização e exclusão de uma mulher, mãe e pesquisadora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, assim como os processos de resistência executados pela mesma. A escolha do tema surgiu a partir de um questionamento, de quais são os espaços de uma mãe sendo profissional, acadêmica ou do lar, como estas mães são vista pela sociedade e quais os elementos que fortalecem ou enfraquecem o ser mãe-professora. A coleta de dados foi realizada através de um questionário online semiestruturado individual, com questões abertas, envolvendo questões referentes a gênero e etnia. Os principais autores que norteiam o desenvolvimento da nossa pesquisa são: Biroli (2011), Lima (1996-1997), Sodré (1999), Latour e Woolgar (1997) entre outros. Os resultados indicam que existe um forte discurso rearticula a mulher-mãe a não ser pesquisadora, tornando-a única e exclusivamente “dona do lar” e mesmo ela sendo forte e passando por diversos obstáculos para manter-se na profissão, ainda assim ela é minoria nestes espaços.

Palavras chave: Mãe-pesquisadora, Estudos Latourianos, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Feminismo.

COSTA, Jessica Rodrigues. Being a woman-mother-researcher: what are the resistance processes faced by a professor at the federal technological university of parana? Final Paper (Degree in Chemistry) - Federal Technological University of Paraná, Campo Mourão, 2019.

ABSTRACT

We are currently moving along paths that insist on distancing women mothers from their professional environments. For this reason, the present work aims to analyze and systematize the process of normatization of marginalization and exclusion of a woman, mother and researcher of the Federal Technological University of Paraná, as well as the resistance processes performed by it. The choice of the theme arose from a question, what are the spaces of a mother being professional, academic or home, how these mothers are seen by society and what elements that strengthen or weaken the mother-teacher. Data collection was performed through an individual semi-structured online questionnaire, with open questions, involving questions related to gender and ethnicity. The main authors that guide the development of our research are: Biroli (2011), Lima (1996-1997), Sodr  (1999), Latour and Woolgar (1997) among others. The results indicate that there is a strong discourse rearticulates the non-researching mother-woman, making her uniquely "housewife" and even though she is strong and going through several obstacles to stay in the profession, she is still minority in these spaces.

Keywords: Mother Researcher, Latourian Studies, Cultural Studies, Gender Studies, Feminism.

Sumário

1. Introdução	6
2. Revisão teórica	9
2.1 Quem são as mães nos Estudos Culturais?	9
2.2 Conectando Estudos Culturais, Gênero e Feminismo	11
2.3 Os currículos tradicionais, crítico e pós-críticos: possibilidades de (re)pensar o lócus do gênero.....	14
2.4 Bruno Latour e Gênero? A rede de atores que fortalece/enfraquece o se mulher mãe pesquisadora	17
3. Objetivos	24
4. Descaminhos metodológicos ou: o que fizemos neste trabalho?	25
5. Contando histórias, reconectando elementos “esquecidos”	27
5.1 Quem é sara? Mulher mãe x mulher pesquisadora.....	27
5.2 Tecendo a rede que fortalece/enfraquece o ser mulher mãe pesquisadora	31
5.2.1 O local de uma mãe negra: babá?	31
5.2.2 Para além da academia: como ficam os(as) filhos(as)	33
5.2.3 O ambiente de trabalho e a representatividade: onde estão as mulheres?	34
5.3 Naturalizando: meritocracia ou resistência?	35
6. (Des)considerações finais	37
7. Referências	39

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar uma vida acadêmica, tudo é novo, muitos se deparam com uma realidade totalmente diferente daquela vivida em uma sala de aula, diversos elementos são implementados nas atividades diárias, e eis que surgem grandes dificuldades. Destas circunstâncias diferenciadas que se apresentam ao longo de uma graduação, alguns são especialmente contingenciais, principalmente no que tange a formação de mulheres no Ensino Superior.

A história do contar-se diante das experiências, aquilo que vivenciamos e levamos conosco, pois nos toca (LARROSA, 1998), tem detalhes persuasivos, que por vezes, deixamos de contar, e assim, vamos sendo silenciados diante das maquinarias que nos fazem silenciar. Essas mesmas formas de interditar nossa existência, nos fazem entrar em uma relação de poder, que por muitas vezes, deixa com que outros sujeitos passem pelas mesmas situações desesperançosas que nos afetaram.

Diante das adversidades enfrentadas ao longo do curso de graduação, muitas histórias poderiam ser evocadas e apresentadas em um trabalho de conclusão de curso, mas no processo de me formar enquanto sujeito-profissional, atravessou uma especificidade que muitos descredenciam, o devir-mãe-universitária, e por este motivo, decidi (re)articular o processo vivenciado na academia por mães recém “produzidas”. Estar na universidade é privilégio de poucos(as), e ainda assim, ser mãe é um elemento que muitas vezes se une ao discurso excludente e marginalizante, em prol da evasão de mulheres do Ensino Superior.

Quando entramos nos deparamos com diversos problemas, elementos estes que fortalecem ou enfraquecem o discurso de evasão de mulheres mães da universidade. Muitas enfrentam a rotina de trabalhar, estudar, cuidar dos filhos, muitas vezes não podendo dedicar-se totalmente aos estudos. Outros elementos se unem a essa gama de articulações que excluem ou incluem mulheres, a questão financeira (algumas são bancadas pelos pais, companheiros...), distanciamento de familiares, distanciamento de projetos acadêmicos de pesquisa e extensão, exclusão acadêmica por parte de orientadores(as) devido a maternidade e “falta de tempo” para comprometer-se com o projeto. A mãe acadêmica na Ciência é observada as margens, existindo vários preconceitos diante delas dentro de uma universidade.

Muitas mulheres iniciam a vida acadêmica não sendo mães, mas ao longo da trajetória tornam-se mães. E quando se tem os filhos é muito difícil conciliar os estudos com a vida acadêmica, muitas de forma não planejada, elas continuam participando das aulas teóricas, não podendo participar das aulas experimentais durante a gravidez e, posteriormente, a licença maternidade, momento que serve para elas adaptarem-se a rotina do bebê, e também aproveitar esse momento do devir-mãe e bebê.

A princípio quando estão em licença maternidade, muitas pensam que vai ser um pouco mais fácil, por poder fazer as atividades em casa, depois acabam vendo que estavam completamente erradas, pois terão que se dedicar em dobro e estudar sozinha para acompanhar as atividades que estão sendo passadas em sala de aula. Muitas mães tentam estudar na madrugada, pois com os filhos dormindo elas vêem como uma solução para poderem estudar, mas diante do cansaço de uma nova rotina de ser mãe, muitas acabam por romper com o processo, dando lugar ao sono, tão imprescindível para quem está cuidando de um bebê.

A rotina de uma mãe é cansativa, amamentar a cada duas horas não é fácil, a mulher mãe passa por uma fase delicada onde tudo é novo e cheio de descobertas, muitas passam por algumas complicações pós-parto. Surge então a necessidade de escolher entre continuar na universidade ou deixar seu filho com o pai, avós, babas, vizinhos ou ter um tempo maior para dedicar-se aos filhos, é aí que o coração de mãe fala mais alto e ela decide afastar-se por um tempo dos estudos. Estes elementos, quando unidos, fortalecem a necessidade do ser mãe, do “lugar da mãe”, tirando destas mulheres, a possibilidade de se profissionalizarem enquanto graduadas.

Passam-se meses e anos, algumas mães acadêmicas conseguem voltar a faculdade, outras ainda continuam entrelaçadas por elementos que as mantêm distantes e “não-graduandas”. As que voltam, outros elementos se rearticulam, e novidades são postas diante de seus olhos, o tratamento é distinto, os amigos aos quais se apoiava e articulava não são os mesmos, alguns terminaram o curso, você vai ficando no tempo, e isso leva a outros modos de ver a universidade, e surgem novos desafios, novas possibilidades.

Outra novidade são os filhos, agora não mais na relação mãe-filho, agora temos a relação mãe-filho-universidade, os corredores são locais de amamentação, de pai desfilando de um lado para o outro aguardando até que a mãe retorne ao seu “posto”. Surgem as primeiras provas trabalhos e seminários, uma mãe acadêmica divide o

tempo ao máximo para dar conta das tarefas que culturalmente e historicamente as fizemos acreditar serem de sua responsabilidade, ela lava, passa, cozinha, dá atenção para os filhos e maridos e ainda arruma um tempo para estudar em pequenos e breves intervalos.

Pensando nisso, devemos nos questionar como estes diversos elementos, provas, trabalhos, instituição, professores, orientadores, marido, família, filhos(as), licença maternidade, leis, influenciam na produção das mulheres mães no ambiente acadêmico, sejam elas estudantes ou pesquisadoras.

Pensando em uma reconstrução dos percursos destas sujeitas na academia, buscaremos neste trabalho fazer aquilo que aponta Geertz (1997) em uma reflexão de “como é que as criações de outros povos podem ser tão próximas a seus criadores e, ao mesmo tempo, e tão profundamente, uma parte de nós” (p.84), observando como uma professora pesquisadora e mãe da UTFPR é rearticulada por diversos discursos e atores ao longo do seu percurso profissional, possibilitando-nos assim, pensarmos a presença das mulheres nas instituições de Ensino Superior, não deixando com que essa gama de atuantes, se transladem em prol da exclusão destas mulheres.

2. REVISÃO TEÓRICA

Ao buscarmos compreender neste trabalho como ocorre o processo de conexões e alianças que vislumbram marginalizar e excluir mulheres mães dos ambientes universitários, enquanto professoras e pesquisadoras, nos articulamos a tendências e perspectivas dos Estudos Culturais, buscando compreender, principalmente no que tange os princípios dos estudos pós críticos de currículo, como ocorrem os processos de silenciamento em um currículo muitas vezes que busca a igualdade, silenciando como os currículos são produzidos dentro de relações de poder, e que majoritariamente vislumbram características masculinas aos sujeitos que devem ser privilegiados, distanciando assim, as mulheres, principalmente quando essas tem ainda outros modos de marginalização, como por exemplo mulheres, negras, lésbicas e mães.

Para que o trabalho possa atingir os objetivos de compreender como ocorrem estes processos de marginalização e exclusão nas Instituições de Ensino Superior, apresentamos a seguir, um pouco sobre a história dos Estudos Culturais e sua relação com os estudos pós-críticos de currículo e a construção de perspectivas feministas de currículos nesta última vertente.

2.1 QUEM SÃO AS MÃES NOS ESTUDOS CULTURAIS

Durante o século XX, em meados dos anos 1950, em um período pós-guerra, os primeiros traços relacionados aos Estudos Culturais aparecem, ainda distantes das perspectivas disciplinares de Ensino formal das escolas e universidades. As primeiras provocações foram realizadas a partir da publicação de obras importantes para esta perspectiva, principalmente a partir de estudos realizados por Richard Hoggart com o seu texto, *The uses of literacy* (1957), Raymond Williams, pesquisador crítico britânico com, *Culture and society* (1958), E.P.Thompson historiador inglês com o texto *The making of the english working-class* (1963).

Neste sentido abordado inicialmente, de uma perspectiva de distanciamento das disciplinas formais educacionais, Stuart Hall (1980:7 apud Escosteguy, 1998, p. 88) aponta que os Estudos Culturais “não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área

onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais.” (Hall et al. 1980:7). Diferentemente das perspectivas disciplinares tradicionais, para Williams (1958), o significado de cultura ultrapassa a singularidade de seu sentido, buscando atravessamentos em diversificados fatores, que muitas vezes foram esquecidos e silenciados nos currículos e estudos anteriores realizados por sociólogos.

Na busca por articular esses diversos fatores que envolvem as questões culturais e seus diversos âmbitos curriculares (mas não disciplinares), está a objetividade e o desenvolvimento de Estudos Culturais:

“Estudos Culturais é um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é contudo, um campo unificado.” (Turner 1990:11 apud Escosteguy, 1998, p.88)

É nesta articulação das tangenciais destas disciplinas que está a potencialidade dos Estudos Culturais, pois ao convergir interesses e elementos até então “dissociados”, que busca compreender relações até então desconhecidas.

Desde os primórdios dos Estudos Culturais, uma coisa se mantém ainda transitória, talvez por uma necessidade desta área de estudos, que visa apresentar relações, mas não de estabiliza-las. Isso pode ser notado nas escritas de diversos autores que iniciam os estudos da perspectiva, que visaram não darem uma definição absoluta que não pudesse ser modificada e resignificada. Segundo Escosteguy (1998, p. 88),

as pesquisa realizada por Hoggart tem o foco de atenção sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e da massa media, através de metodologia qualitativa. Este trabalho traz um olhar diferenciado para o âmbito popular onde não existe apenas submissão mas, também, resistência.

Outro dos autores que deram início a perspectiva, Williams, teve uma grande contribuição para os estudos culturais, principalmente no que tange a leitura do seu trabalho *Culture and Societ*, em que o autor foca suas discussões na história literária, buscando articulações que investiguem o social para além do conservadorismo dos primeiros antropólogos das ciências.

Tanto Thompson quanto Williams, acreditavam que a cultura estava relacionada com as práticas de vida do cotidiano, no qual o indivíduo estaria em

primeiro plano. Para o primeiro deles, a cultura não deve ser entendida enquanto uma forma de vida globalizada, de modo generalizador, mas sim buscando compreendê-la em suas especificidades.

Stuart Hall, um dos autores mais contemporâneos dos Estudos Culturais, principalmente em sua articulação com os estudos da pós-modernidade, também contribuiu para o desenvolvimento e manutenção dos Estudos Culturais. O autor, um dos principais da atualidade, ao substituir seu mentor Hogart na direção do Centro de Pesquisas em Estudos Culturais, articulou-se a novas possibilidades, principalmente inspirado nas perspectivas antropológicas, buscando potencialidades nos estudos etnográficos, analisando os meios de massa, investigando os processos de resistências das subculturas, constantemente silenciadas por outras perspectivas anteriores, que por muitas vezes relativizaram as relações de poder.

São nestes processos silenciados historicamente que nos parece interessante e potencial observar, pois ao observarmos estes processos de marginalização, buscamos compreender quais são os diversificados e múltiplos elementos que se articulam no processo de exclusão de determinados sujeitos na sociedade, em nosso caso, das mulheres nas instituições de Ensino Superior. Por este motivo, na próxima seção iremos apresentar como observamos e compreendemos a articulação dos Estudos Culturais e as questões referentes a gênero e feminismo.

2.2 CONECTANDO ESTUDOS CULTURAIS, GÊNERO E FEMINISMO

Compreender os Estudos Culturais em sua relação com os estudos de gênero e as diferentes vertentes de feminismo é de extrema importância e potencialidade para este trabalho. Abranger estas diferentes vertentes de resistências entre as subculturas, como indicado anteriormente por Stuart Hall, é extremamente potente para que possamos compreender as lutas das mulheres mães, em sua busca por resistir aos modos de marginalização e exclusão nos mais distintos ambientes, em nosso caso, nas instituições de Ensino Superior. Neste sentido, neste trabalho iremos compreender Estudos de Gênero como

“um corpus de saberes científicos que têm por objetivo proporcionar características e metodologias para análise das representações e condições de existência de homens e mulheres em sociedades passadas e futuras.” (YANNOULAS et al, 2000, p. 426 apud VASCONCELOS, Fábio, ANDRADE, Moura de Celeste Maria. pag. 1)

(R)existir diante desta realidade de marginalização de mulheres, de políticas de exclusão de mães de ambientes educacionais e profissionais, é um papel de extrema importância. Pensar isso, também permeia repensar espaços que produzem relações de poder, que são normatizadores, normalizadores e institucionalizados. Neste sentido, é importante antecipar e apresentar como é compreendido o conceito da palavra gênero neste trabalho, que é introduzido no intuito de

afirmar algo mais amplo que sexo e como produto social aprendido, institucionalizado e transmitido de geração em geração. A categoria gênero inclui duas dimensões. A primeira afirma que a realidade biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento diferenciado do masculino e do feminino em sociedade. A segunda está ligada à noção de poder. Constata-se que o poder é distribuído de modo desigual entre os sexos. (VASCONCELOS, Fábio, ANDRADE, Moura de Celeste Maria. pag. 1,2).

Este processo de normalização do ser mulheres e mãe nas instituições profissionais e educacionais, produzem alguns estereótipos que vão sendo normatizados como padrões e normas que gerenciam por meio dos processos de normalização possibilidades de (in)existência, punindo aqueles que de alguma forma não se adequam aos padrões sociais estipulados e produzidos pelas relações de poder.

Nas questões relativas a gênero, uma marcação simbólica tem atribuído às mulheres e aos homens algumas características que, por não serem questionadas, vão se instaurando como verdades. Essas construções estereótipos mudam de acordo com cada cultura na qual são construídos e são transmitidos e aceitos pelo grupo social mediante a repetição, no processo de socialização exercido através da linguagem. (VASCONCELOS, Fábio, ANDRADE, Moura de Celeste Maria. pag.8)

É sobre este não questionamento que buscamos dar direcionamento a este trabalho, dando visibilidade a novas formas de existência e de pertencimento para mulheres. Desde pequenas existem formas de estereotipação que são utilizadas para

naturalizar o ser menina, distinguindo as formas de agir e falar de uma menina para um menino, antes mesmo do processo de formar-se mulher e homem, enquanto um processo fixação de uma identidade única. Visando superar essa perspectiva binarista, sob um viés de identificação e constantes mudanças, Simone de Beauvoir pontua que “não se nasce mulher, tornar-se mulher”. É neste processo de tornar-se, que vemos potencialidade neste trabalho e ao qual iremos nos ater, pois, como torna-se mulher, mãe e pesquisadoras? Ou aqui em nosso trabalho o que intitulamos como mulher-mãe-pesquisadora. Quais elementos naturalizam espaços de pertencimento e exclusão para ser mulher-mãe-pesquisadora? O que se “ensina” as meninas que hoje nascem e adentram aos espaços profissionais e educacionais? Para Vasconcelos, Fabio et al. (2004, p. 8-9)

À menina vai-se ensinando desde pequena o que é permitido e o que é proibido à sua condição de ser mulher. Da mesma forma ao menino são transmitidas as informações sobre sua masculinidade. Esses conceitos sobre o ser feminino e o masculino incluem as roupas, os brinquedos, e até as atitudes e os comportamentos que condizem com o seu sexo. Se tomarmos como exemplo as brincadeiras, percebemos que aos meninos é permitido um caráter agressivo nos jogos, já que isso é próprio do ser menino, enquanto das meninas é exigida uma docilidade, própria do ser menina.

Nesta produção dicotômica do que cada um pode ou não ser, é que se produzem as relações de poder, os processos de normatização dos sujeitos, mas somente um deles carrega historicamente a dor e a culpa: a mulher. Essa mesma histórica que culpabiliza, também é condizente e omissa, pois, depois de um longo processo de marginalização e normatização da mesma, ela reforça este processo de exclusão das mulheres de determinadas formas de ser, sempre condicionada pelas distintas culturas.

A mulher está sempre se culpando pelo não cumprimento das expectativas dos outros sobre ela: tanto familiar como socialmente. Trata-se de uma culpabilidade inerente à própria cultura, uma culpabilidade que torna mais culpáveis uns do que os outros por causa de sua situação biológico-cultural. (VASCONCELOS, 2004, pag.10)

Neste sentido, observamos que historicamente e culturalmente, percebe-se que cabe sempre a mãe a obrigação e culpabilidade por fazer escolhas, uma delas esta sempre no processo de rearticular-se a “nova identidade”, o ser mãe, tendo neste momento de realizar uma “escolha” entre permanecer no emprego e/ou no estudo ou

cuidar dos filhos. Ao homem não cabe o papel da escolha, pois a ele são criadas outras expectativas, e na maioria das vezes, não é referente a “ser pai”.

Uma resistência masculina em assumir as atividades do âmbito doméstico e relacionadas ao cuidado (tarefas domésticas, cuidado com filhos, cuidado com doentes da família, etc.) ainda acarreta sobrecarga de trabalho e de responsabilidades feminina. (pg.59)

Além das questões referentes ao cuidado materno/paterno, também nos atentamos aos afazeres domésticos que também são afazeres e elementos que são articulados ao papel da mulher, pois é a mulher que “naturalmente” é responsabilizada por estes afazeres. Mas diriam os conservadores, é uma questão de “dizer não”, de compartilhar afazeres. Mas, quais outros elementos são articulados a este processo? Quais outros atuantes marginalizam e/ou fortalecem o ser mulher? O papel da mulher em sociedade? Superficialmente, para início de trabalho, podemos afirmar que é ela que acaba desistindo e acolhendo o seu “papel de ser mãe”, seja pela diferença salarial entre o homem e a mulher, pela dificuldade de ingressarem nas universidades, pela não valorização profissional em diversas áreas, pela cultura familiar de distanciar mulheres da educação, e por tantos outros preconceitos que marginalizam e excluem as mulheres do ambiente acadêmico e profissional.

Para pensarmos estes fatores que muitas vezes silenciam as mulheres nos mais distintos lócus, acreditamos ser importante repensarmos os currículos formativos, buscando romper com uma lógica tradicional, e buscando rearticular as possibilidades de existência nos currículos, rompendo com as normas, e evidenciando novas possibilidades de identificação das mulheres em nossos currículos. Para isso, apresentamos na próxima seção as possibilidades de articulação de um currículo oculto e pós crítico, na busca por potencializarmos as questões de gênero.

2.3 OS CURRÍCULOS TRADICIONAIS, CRÍTICOS E PÓS-CRÍTICOS: POSSIBILIDADES DE (RE)PENSAR O LÓCUS DO GÊNERO

Compreender a relação de gênero com as perspectivas pós-críticas de currículo é pertinente para pensarmos como a educação contribui potencialmente para as formas de exclusão dos sujeitos em sociedade, seja por questões de gênero, etnia

ou qualquer outro modo de diversidade e necessidade. Para pensarmos estas distintas perspectivas nos conectaremos as propostas elaboradas por Tomaz Tadeu da Silva (2013) ao pensar o currículo para além do conceito de “Teoria do currículo”, trasladando para a possibilidade de um discurso curricular. O autor faz essa afirmativa ao questionar ao posicionar que os conceitos de “uma teoria, organizam e estruturam nossa forma de ver a ‘realidade’” (SILVA, 2013 p. 17)

Portanto, para o autor, o conceito de teoria articula-se diretamente a uma realidade prescritiva, extirpada do meio em que foi produzida, e por este motivo, deve ser “substituída”, para que não tenhamos a sensação de que o currículo é uma norma, que estava posta, e o qual devemos seguir sua realidade, sem questiona-lo. Para Silva, seria mais interessante e interessado pensarmos em uma perspectiva de discurso do currículo, pois o discurso é sempre reconstruído, articulado, móvel e relacional, pois depende de um processo de significação das palavras, dos discursos e dos enunciados.

Assim, uma forma útil de distinguirmos as diferentes teorias do currículo é através do exame dos diferentes conceitos que elas empregam. Neste sentido, as teorias críticas do currículo, ao deslocar a ênfase dos conceitos simplesmente pedagógicos de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, por exemplo, nos permitiram ver a educação de uma nova perspectiva. (SILVA, 2013.p. 17)

Ao nos atentarmos aos pensamos discursivos de produção de um currículo, damos início a questionamentos possibilitados pelo currículo oculto (o não formal dos planos de ensino), em que para além de um currículo tradicional, que visa questões somente relacionadas ao processo pedagógico de ensino e aprendizagem, busca compreender como ocorrem os processos e conceitos envolvidos nas relações de poder e ideologias. Portanto, para além de notarmos no currículo **o que** devemos tramitar em sala de aula, passamos a nos questionar no **como** trabalhar, dentro de uma perspectiva crítica de currículo, e por último, possibilitando novas perspectivas de relações discursivas entre os sujeitos, o currículo pós-crítico, nos instiga a fazer o seguinte questionamento: porque determinado conteúdo e não outro? E é neste questionamento que nos interessamos.

Outro ponto importante que distingue os currículos sob tendências críticas dos da perspectiva pós crítica, é que o primeiro, ao questionar as relações de poder,

focava somente na busca por uma igualdade referente as lutas de classes, inspiração essa no Marxismo, fazendo pouca ou nenhuma referência as lutas por diversidade, seja ela de gênero ou étnica. Neste sentido, as perspectivas críticas do currículo passaram a ser questionadas por

deixarem de levar em consideração o papel de gênero e da raça no processo de produção e reprodução da desigualdade. O feminismo vinha mostrando, com força cada vez maior, que as linhas do poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo, mas também pelo patriarcado. De acordo com essa teorização feminista, há uma profunda desigualdade dividindo homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte gritantemente desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Essa repartição desigual entende-se, obviamente, à educação e ao currículo.

Isso não significa que aos nos posicionarmos ao lado dos estudos pós críticos, tenhamos de descreditar as potencialidades de estudar a desigualdade entre as classes sociais, diferente disso, buscamos em nosso trabalhar, apresentar também estes elementos se articulando e atravessando as possibilidades de ser mulher-mãe-pesquisadora, mas de modo algum, dissociando-os. Essa necessidade de apresentar os vários elementos faz-se necessária, e pode ser notada no seguinte trecho:

O nível de educação das mulheres, em muitos países, sobretudo naqueles situados na periferia do capitalismo, era visivelmente mais baixo que o dos homens, refletindo seu acesso desigual às instituições educacionais. Mesmo naqueles países em que o acesso era aparentemente igualitário, havia desigualdades internas de acesso aos recursos educacionais: os currículos eram desigualmente divididos por gênero. Certas matérias e disciplinas eram consideradas naturalmente masculinas, enquanto outras eram consideradas naturalmente femininas. Da mesma forma, certas carreiras e profissões eram consideradas monopólios masculinos, estando praticamente vedada às mulheres. (SILVA, 1999)

Este tipo de trabalho que visa compreender como ocorre o processo de marginalização e silenciamento das mulheres, deve-se ao histórico de que desde cedo as mulheres sofriam com os estereótipos dentro dos espaços educacionais. Isso deve-se a percepção de que o currículo educacional reflete as necessidades de uma relação

de poder que evidencia o poder do homem, sempre atribuindo papéis mais importantes para eles do que para elas. Esses estereótipos, muitas vezes é demarcado e reforçado em literaturas e livros didáticos. estavam sendo empregados até mesmo na literatura em livros didáticos. Segundo (SILVA, 1999)

Um livro didático que sistematicamente apresentasse as mulheres como enfermeiras e os homens como médicos, por exemplo estava claramente contribuindo para reforçar esses estereótipos e, conseqüentemente, dificultando que as mulheres chegassem às faculdades de Medicina. De forma similar, os estereótipos e os preconceitos de gênero eram internalizados pelos próprios professores e professoras que inconscientemente esperavam coisas diferentes de meninos e meninas. Essas expectativas, por sua vez, determinavam a carreira educacional desses meninos e meninas, reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero.

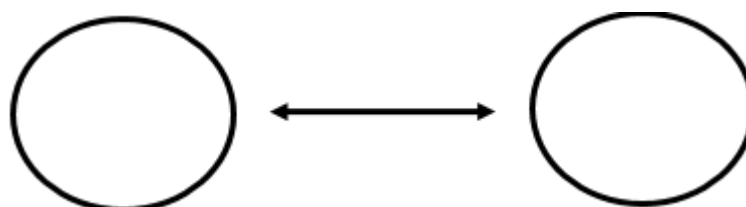
Por estes motivos: por durante toda a história da educação, em seu currículo, materiais didáticos e práticas profissionais docente, as instituições educacionais estiveram ao lado de um processo de naturalização do ser mulher e homem, distinguindo-os em uma relação de poder, em consonância com uma superioridade do segundo sob as primeiras, que acreditamos na necessidade de trabalharmos na reconstituição do processo de formar-se mulher-mãe-pesquisadora, buscando despurificar este árduo percurso, inibindo-o de um discurso meritocrático.

2.4 BRUNO LATOUR E GÊNERO? A REDE DE ATORES QUE FORTALECE/ENFRAQUECE O SER MULHER MÃE PESQUISADORAS

Buscaremos, portanto, evocando o discurso de uma professora mãe da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em sua retomada de memórias e enunciados, uma perspectiva que reconstitua a história de construir-se enquanto mulher-mãe-pesquisadora, sem a possibilidade de um discurso hegemônico e deslocado de seu meio de produção que dicotomize e polarize, de um lado a mulher-

mãe e de outro a mulher-pesquisadora, que para os modernos estariam dispostas em lados distintos, sem conexões entre elas.

Figura 1. Representação da proposta purificacionista moderna – de um lado mulheres pesquisadoras e de outro as não pesquisadoras.



Fonte: autoria própria.

Para os modernos difusionistas, de um lado estariam as mulheres-mães não pesquisadoras e do outro as mulheres pesquisadoras – em um processo dicotômico que separa de modo prescritivo, que só foi “criado” após um longo período de articulações e translações, sendo silenciados após todo este processo, por meio da purificação da “norma”.

Para buscarmos romper com este processo prescritivo e dicotômico, vemos potencialidades nos Estudos de Laboratório, proposto por Latour e Woolgar (1997), possibilidades de fazermos essa rearticulação, em um processo etnográfico de reconstrução do que atualmente pareça naturalizado.

Buscaremos nesse mundo não naturalizado, não comum, atravessado por instabilidades e organizações plurais dar voz as sujeitas muitas vezes excluídas e marginalizadas. Se esse processo se dá por meio de diversos elementos, que nos deixam cada vez menos fixos, e mais líquidos como propõe Bauman (2003 e 2005), buscaremos rearticular estes elementos, aos quais mais adiante nominaremos de atuantes ou atores, como propõe a Teoria Ator Rede de Bruno Latour (1994, 2000 e 2001) e John Law (1999 e 1992).

Partindo destes autores e nas possibilidades de pensarmos como ocorre esse processo de normatização e normalização das mulheres, buscando superar a dicotomia do ser mãe OU pesquisadora, que buscamos nos discursos enunciados pela professora, apresentar as conexões, alianças e fluxos entre os diversos elementos que atravessaram sua história nas relações de poder, sendo essas de

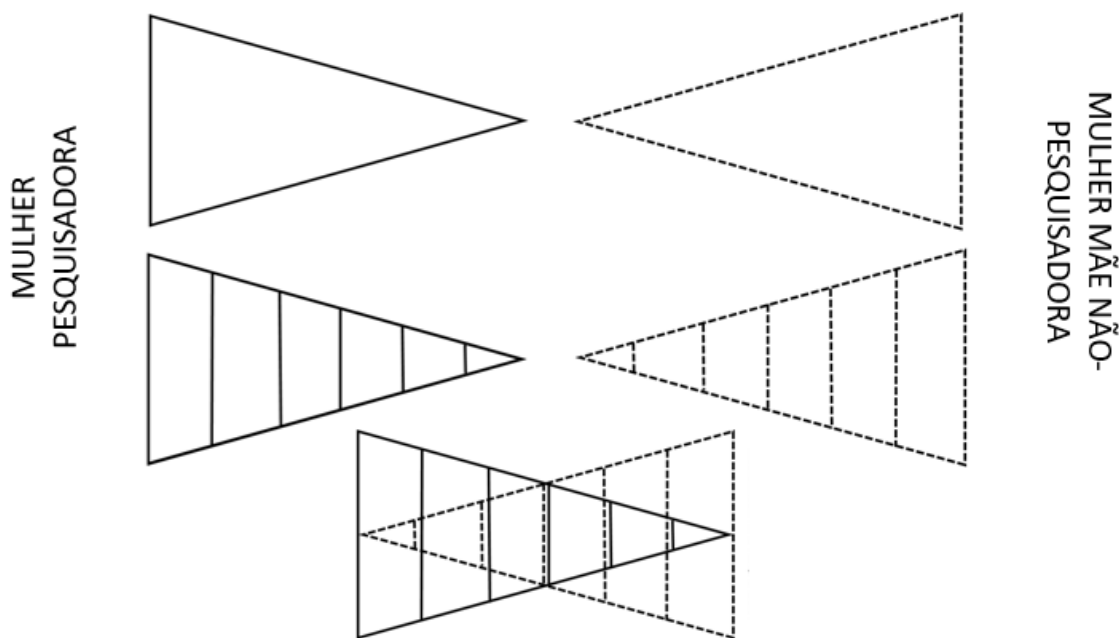
caráter político, social, profissional e social, mas principalmente no que tange as questões de gênero impregnadas no ser mãe.

Para Latour (1994, p.120), “os dois extremos, local e global, são bem menos interessantes do que os agenciamentos intermediários que aqui chamamos de redes”. É ao reatar esse nó, que antes parecia um abismo que separava dicotomicamente os espaços do ser mulher, que acreditarmos estar a importância e potencialidade deste trabalho.

Segundo Pricinotto (2012), é neste reator das conexões entre os diversos elementos apresentados pela professora que buscaremos compreender as articulações entre os plurais atuantes, em que estes venham a fortalecer ou enfraquecer determinados enunciados sobre o “ser mulher”, ganhando assim, status de realidade, de natureza.

Este pensamento de dar voz aos sujeitos, rearticulando suas possibilidades de (r)existência, parte da inspiração nas propostas do Programa Forte da Sociologia, apresentado pelo influente pesquisador David Bloor, que matinha ainda muito das ideias modernas, em que se mantinham a assimetria e polarização dos pensamentos e conceitos, ou em nosso caso, dos modos de existência das mulheres. Distingue-se o natural do social, termos estes que virão a ser rechaçados por Latour e Callon. Para Latour (2004) mantém-se a assimetria, “porque mantém a sociedade como uma entrada privilegiada para os estudos sociais em ciências” (p.323). E deste modo, propõe-se compreender as articulações e atravessamentos dos diversos elementos como híbridos.

Figura 2. Representação e rearticulação do processo de produção das normas, por meio da sobreposição de camadas e elementos\atores da rede.



Fonte: autoria própria.

Neste sentido da hibridização dos modos de existência das mulheres, não mais como dicotomias entre ser mãe ou pesquisadora, um ponto importante a se apresentar é a noção de sobreposição de elementos que visa condicionar determinados modos de agir e falar em sociedade. Objetivando apreciar e evidenciar essas conexões e alianças entre os mais distintos elementos, Latour (2000) propõe a Teoria Ator-Rede (TAR), que tem como objetivo principal acompanhar os trâmites na produção dos fatos científicos, o que buscaremos articular com as propostas de pensarmos as questões de gênero, articulando nos episódios narrados pela professora, quais elementos (sujeitos, documentos, instituições) fortalecem ou enfraquecem suas possibilidades de ser mãe e pesquisadora, não mais dicotomizando suas possibilidades entre um ou outro.

Na perspectiva enunciada anteriormente, tomaremos os elementos como atores ou atuantes, e estes serão apresentados como descrito Morais (2004):

(...) redutível a um único ator nem a uma rede; ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados, agenciados. Por um lado, a rede de atores deve ser diferenciada da tradicional categoria sociológica de ator, que exclui qualquer componente não humano. Por outro, também não pode ser confundida com um tipo de vínculo que liga de modo previsível elementos estáveis e perfeitamente definidos, porque as entidades das quais ela é composta, sejam naturais ou sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos. Assim, uma rede de atores² é simultaneamente

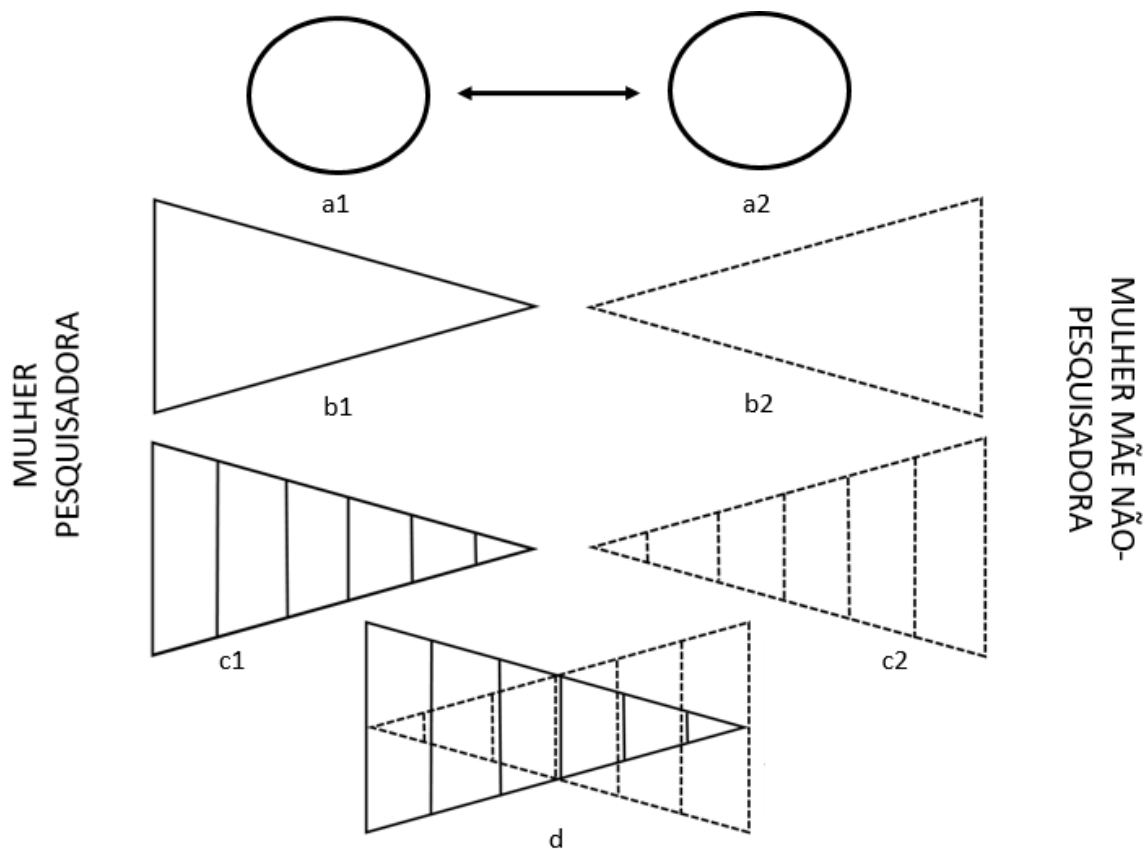
um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos e uma rede, capaz de redefinir e transformar seus componentes. (p.322)

Antes de apresentar as possibilidades para a mulher pesquisada, em que ela deva de forma a priori enquadrar-se em um local seguro, como na proposta purificada dos modernos, iremos (re)articular os atores (todos instáveis), camada sob camada, aliança por aliança, compreendendo como os discursos são produzidos e fortalecidos pelos mais distintos elementos, sejam ele a escola, o sistema educacional, a universidade, as leis, o governo, as empresas, as famílias e/ou mídias.

Se deixarmos com que estes episódios de sobreposição de elementos, de fortalecimento, caíssem em esquecimento, estaríamos abertos a possibilidade de uma meritocracia, de um esquecimento do longo e árduo processo (híbrido) que somente no fim, toma forma de natureza das coisas.

Se distante de dicotomizar os processos, buscarmos dar “vida” e deixar pulsar “sangue” na história rearticulando os episódios apresentados pela professora, buscaremos rearticular a rede que fortalece determinados enunciados, desvinculando, deixando com que os próprios atuantes contem suas histórias, e rearticulem-na.

Figura 3. Do salto difusionistas para a rearticulação do processo de produção das normas, por meio da sobreposição de camadas e elementos\atores da rede.



Fonte: autoria própria.

Agora, portanto, nosso olhar irá buscar compreender como ocorre o processo que, somente depois de um longo percurso, distanciam as imagens de 1a e 2a, ou ainda, ser mãe-não pesquisadora ou pesquisadora, buscaremos compreender o processo de sobreposição dos traços (que serão representados por atores apresentados ao longo do trabalho – filho, instituição, currículo, etc), para que só no final do percurso, de toda a teia tecida (imagem d), possamos momentaneamente afirmar aquilo enquanto verdade.

3. OBJETIVO

Esta pesquisa tem por objetivo, analisar e sistematizar o processo de normatização da marginalização e exclusão de uma mulher, mãe e pesquisadora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, assim como os processos de resistência executados pela mesma.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar as dificuldades de uma mulher no percurso de existência enquanto mãe, no percorrer da profissão acadêmica é de difícil mobilidade. Para que possamos rearticular este processo, e compreender como se dá a produção do ser mulher, mãe pesquisadora, iremos realizar alguns objetivos específicos, que são apresentados e elencados a seguir:

3.1.1 – Narrar de modo heteroautobiográfico a história de uma mulher mãe pesquisadora, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná;

3.1.2 – Reconstituir a rede de atores, sob a perspectiva de Bruno Latour, que se conectam e articulam em prol de um fortalecimento ou enfraquecimento do ser mulher, mãe e pesquisadora;

3.1.3 – Pensar, sob uma perspectiva pós-crítica, currículos que reaproximem as mulheres de suas múltiplas potencialidades, rearticulando modos de existência e resistência;

4. DESCAMINHOS METODOLÓGICOS OU: O QUE FIZEMOS NESTE TRABALHO?

As pesquisas nas perspectivas dos Estudos Culturais, por muitas vezes são dispostas de modos distintos, articulando-se nos mais diversificados recursos e metodologias, o que analogicamente poderia nos aproximar da ideia de um caleidoscópio, em que ao observarmos sob perspectivas diferentes, nos articularíamos a distintas possibilidades metodológicas, sempre diante das circunstâncias contingenciais dos sujeitos pesquisados.

Diferentemente de outras perspectivas, que muitas vezes se apoiam fielmente as pesquisas quantitativas, que segundo Malheiro (2009) tem por objetivo “transformar a realidade em números e lidar com trabalhos em grandes escalas” (p. 138), os Estudos Culturais se alinham mais as possibilidades das pesquisas qualitativas, pois essas buscam se utilizar da compreensão e interpretação do comportamento das pessoas, em nosso aporte teórico, buscando abranger as articulações entre o social, político, econômico, cultural e outros, não em um âmbito de generalização, mas sim das particularidades e individualidades.

Neste sentido, acreditamos assim como Malheiros (200) que

As pesquisas qualitativas partem do princípio de que a realidade não existe por si só, mas na interpretação que as pessoas fazem da realidade. De todas as manifestações humanas, a fala é a expressão mais simples para se comunicar a interpretação de um fenômeno. (MALHEIROS.pag. 206)

Na busca por compreender estas articulações presentes na fala da pesquisadora, iremos realizar uma pesquisa qualitativa, buscando por meio de um questionário os enunciados discursivos que nos parecem pertinente para reconstruir o percurso acadêmico e profissional da pesquisadora, articulando-se ao fator “ser mãe.

A elaboração de um questionário deve considerar como aquela pessoa que vai responder o enxergará. De forma geral é preciso que sejam: atrativos visualmente, curtos (sempre que possível) simples e que possam ser preenchidos rapidamente. Questionário com baixa atratividade visual afastam o respondente, assim como aqueles muito longos. Já a simplicidade refere-se à necessidade de se fazer com que a pessoa que responde chegue ao final, o que poderá não acontecer caso haja muita dificuldade no preenchimento. (MALHEIROS. 2000.142)

Podem ser feitos basicamente três tipos de questões em um questionário, questões abertas, fechadas ou por escala. De acordo com Malheiros (2000), questões abertas são aquelas que permitem que o respondente se manifeste livremente. São utilizadas para aprofundar as respostas trazidas nas questões fechadas. Já as questões fechadas segundo o autor Malheiros, são aquelas que apresentam uma lista de possibilidades de respostas já definida.

Ainda segundo ele, as questões por escala podem ser desenvolvidas de duas formas:

As questões por escala possuem duas formas de serem desenvolvidas: pelo grau de concordância com uma informação ou pela avaliação de uma afirmação. O grau de concordância apresenta uma afirmativa e pede ao público que sinalize o quanto ele concorda com esta afirmativa. Já a avaliação busca atribuir um valor a algo. (MALHEIROS, pag. 147.)

Sabemos que atualmente diversificadas pesquisas têm sido desenvolvidas sob um viés de entrevistas, sejam elas dos mais distintos, e que para alguns pesquisadores, este recurso é o mais indicado para compreendermos as particularidades de estudos como o nosso realizado neste trabalho. Adiantamos que devido a demanda inicial, da aplicação de um questionário semiestruturado, com diversificados enunciados e discursos apresentados pela professora, com apresentação de muitos resultados interessantes para nossa pesquisa, privamos por nos aprofundar nestas informações para este trabalho, e que uma entrevista pode ser desenvolvida no continuar do projeto¹.

Portanto, para este momento da pesquisa, foi realizado um questionário semiestruturado individual, com questões abertas, envolvendo questões referentes a gênero e etnia. Este foi enviado via e-mail, e o tempo para que a pesquisadora realizasse a resposta e nos desse o retorno foi de aproximadamente quatro meses. Importante salientar que neste momento, do envio do questionário, a pesquisadora estava em período de licença pós-maternidade, e por este motivo, o tempo para sua contrapartida foi definido por ela, sendo acatado imediatamente por nós que aqui desenvolvemos este trabalho.

¹ Este trabalho de conclusão de curso faz parte de um desmembramento do projeto “Gênero e Diversidade da UTFPR-Campo Mourão” que está atualmente protocolado junto a Diretoria de Projetos e Pós Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e que é desenvolvido em articulação com os diversos pesquisadores e estudantes de iniciação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais, Inclusão e Diversidade.

As questões abertas foram negociadas com a própria sujeita de pesquisa, após um primeiro contato², pois diante dos objetivos da pesquisa, por nós apresentados, acreditamos que a escrita seria expressa de modo mais livre.

A ferramenta metodológica utilizada foi baseada nas perspectivas dos processos de translação e tradução³ de Bruno Latour (2000), em seu livro *Ciência em Ação*, no qual o autor busca compreender como vários interesses são atravessados e transladados diante dos sujeitos, levando-os a agirem e desenvolverem-se de determinados modos, resistindo ou sendo marginalizados.

Para que possamos buscar como ocorreram estes processos, realizamos uma um questionário com a pesquisadora sob um viés heteroautobiográfico, onde provocamos a sujeita para que ela narrasse sua própria história, suas experiências e desafios enfrentados, sua resistência, suas emoções vivenciadas dentro dos espaços educacionais, e também os modos como ocorreram seus processos de exclusão, pois se queremos ser fiéis a Teoria Ator Rede, temos de necessariamente fazer os questionamentos de forma simétrica, dando evidências aos dois processos, dos vencedores e dos vencidos.

Acreditamos na potencialidade da heteroautobiografia, pois ao contar-se o que já passaram ou ainda passam, apresentam seu auto reconhecimento e o processo de identificação enquanto sujeito. A este processo de narrativas e do contar-se e constituir-se o que Margareth Rago (2013) aborda como heteroautobiografia.

A heteroautobiografia consiste em um movimento, de deslocamentos, reconhecimentos e fraturas, um processo que é nômade e, faz-se: a) hetero visto que envolve dois corpos diferentes em encontro; b) biográfico visto que um corpo produz narrativas sobre suas experiencialidades, memórias, e relações espaço-temporais; c) autobiográfica visto que aquele que escuta e reconhece o outro, mistura suas experiencialidades ao criar um espaço de escuta e ao produzir registros deste encontro; e d) heteroautobiográfica, visto que as narrativas, as memórias, os reconhecimentos, escutas e registros, produzem enunciados e constituem a existência de ambos (RAGO, 2013)

² E escolha por Sara (nome fictício), deu-se por um primeiro contato entre o professor orientador desta pesquisa e a pesquisadora em questão, quando a sujeita aqui pesquisada, apresentou algumas inquietações referentes a sua presença enquanto mulher negra na instituição UTFPR – por este motivo acabamos por desenvolver a pesquisa nos dois âmbitos, no ser mãe e sobre mulheres negras na UTFPR (o que gerou outro trabalho de conclusão de curso)

³ A partir deste momento, iremos utilizar o termo translação, pois para Latour (2000), o termo tradução remete-se somente a transposição de uma língua a outra, e por este motivo, nos parece mais pertinente o termo translação, em que desloca-se em tempo, espaço e linguagem.

5. CONTANDO HISTÓRIAS, RECONECTANDO ELEMENTOS “ESQUECIDOS”

O processo de heteroautobiografar a história de uma outra sujeita que não a minha, perpassa os limites de isenção e diferenciação. Antes de mais nada, eu, enquanto mulher mãe e estudante, me aproximo, me imagino e me intensifico neste trabalho, e portanto, preciso contar histórias, mas também, deixar aqui meus vestígios e pegadas que me fazem contar essas histórias que quis heteroautobiografar, e não outras, pois as traduções, mesmo que de emoções em mesma língua, me fazem pontuar o que mais me afeta.

Portanto, neste capítulo, ao longo das seções, iremos delinear inicialmente quem é Sara, a professora pesquisadora, mulher e mãe que aqui pesquisamos, e posteriormente passaremos a fazer alguns recortes de episódios narrados pela pesquisadora, que nos fazem repensar sua trajetória, e os processos pelos quais a mesma teve de passar, até tornar-se o que momentaneamente está. Usaremos este último verbo, está, pois o ao utilizarmos “é”, estaríamos estagnando uma identidade, contradizendo tudo que apresentamos até o presente momento do trabalho.

5.1 QUEM É SARA? MULHER MÃE X MULHER PESQUISADORA

Sara se apresenta inicialmente como “mulher, negra, mãe, filha, irmã, formada [...] Mestre e Doutora [...] professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)”, a cor da sua pele, por sinal, assim como o ser mãe, são constantemente retomados por ela, sempre que busca falar dos seus processos de identificação.

A hoje pesquisadora, atravessou diversos momentos até chegar ao que hoje ela chama de “estabilidade”, pois segundo ela, sua origem é de família humilde e batalhadora, tendo ela estudando sempre em escola da rede pública, residindo em bairros de periferia, que segundo ela era motivo de enunciação discursiva de seus pais, que constantemente a recordavam de “seu lugar”, mostrando que “se eu não estudasse e me dedicasse esses seriam os caminhos que minha vida poderia tomar”.

Para os pais, neste momento, existiriam duas possibilidades, de um lado ser “alguém na vida”, de outro, manter-se no mesmo papel que o de sua mãe, aproximando-se muito da imagem anteriormente apresentada pelos difusionistas

modernos, com polos distantes, em que Sara deveria alocar-se, ou de um lado, ou de outro.

Figura 4. Como pensam os modernos em seu processo dicotômico a relação de ser mãe e consequentemente não professora.



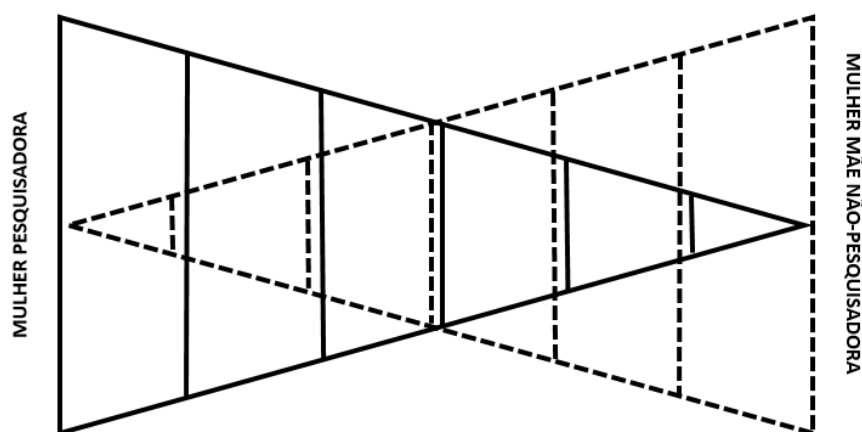
Fonte: autoria própria.

O posicionamento dos pais acontecia pois, diferentemente do percurso acadêmico e escolar dos mesmos, que pouco se dedicaram a este caminho, ela sempre foi incentivada a continuar os estudos, dedicar-se e se destacar. O pai, mesmo sem tantos estudos, “o provedor financeiro na minha família e minha mãe sempre foi dona de casa”, representando muito do que vemos ao longo da história, em que muitas mulheres, ao tornarem-se mães e expostas, tenham de deixar os estudos e o serviço de lado para permanecerem com os cuidados do lar e da família.

A afirmativa com relação a posição da mãe, pode ser compreendida em uma breve análise da fala de Sara, pois segundo ela a mãe “devido a sua história de vida nunca viveu muito bem sendo dona de casa”, talvez ela não se sentia feliz como dona de casa, pelo fato de tudo que ela faz dentro da casa, seja limpar, organizar e cuidar dos filhos torna-se “invisível” diante de uma sociedade que normatiza que estes afazeres sejam necessariamente e estritamente de dever da mulher.

Segundo Sara “o fato de ela pensar assim foi o motivo principal para que ela fizesse de tudo para que eu e minha irmã estudasse e nunca desistisse.” Aqui já adentramos a um pouco do que tratávamos anteriormente sobre a reconstrução dos episódios que constroem o ser mulher pesquisadora e também mãe, em um híbrido, daquilo que talvez seja o foco do nosso trabalho, em articular os diversos fatores, sujeitos e elementos que transladam os interesses de Sara, como faz a mãe, ao endereça-la para não desistir e “ser alguém na vida”.

Figura 5. Elementos sendo rearticulados no processo de hibridização do ser mulher na universidade (pais, vestibular, questão financeira, amigos, curso, cursinho...)



Fonte: autoria própria.

Neste sentido, notamos que aos pontos, os pais se tornam elementos decisivos para encaminhar Sara, eles de algum modo se tornam “traços” que potencializam ou excluem as possibilidades de existência da pesquisadora, se por um lado as querem dedicada e focada, por outro mostram que também há outro caminho, o de ser mãe e não pesquisadora, mas agora não de forma a priori, mas enquanto translação de interesses, na articulação de diversos atores que iremos apresentar a diante.

Durante a escolha do curso de Ensino Superior, Sara que era uma estudante muito dedicada, como enfatiza em seus discursos, teve de lidar com o desmerecimento do curso escolhido pelos pais, pois segundo ela o desgosto se deu pois ela “era ótima aluna e meus pais esperam que eu fizesse um curso mais importante, risos”. Deste modo, os pais, ao se posicionarem quanto ao curso escolhido pela pesquisadora, poderiam, se de modo diferente atravessado diante da escolha dela, ter influenciado no direcionamento de sua profissão. A posição que os pais abarcam nesse alinhamento de elementos, por muitas vezes fortalecem ou enfraquecem determinados discursos.

Outro elemento importante a ser elencado neste emaranhado da rede de atores é o vestibular, um grande e importante elemento que muitas vezes esvazia as possibilidades de existência de alguns sujeitos, principalmente aqueles que pertencem as escolas públicas de Ensino. Esse fator foi um dos que por diversos momentos posicionou-se diante dos desejos de Sara, e foi transladado para outros

caminhos, até que após se quarto vestibular, Sara conseguiu adentrar ao curso pretendido. A questão de relação entre vestibular, escola pública e aprovação, ainda se relaciona a um novo fator, o cursinho privado preparatório para o vestibular, como aponta a pesquisadora: “demorei para passar pois no meu primeiro vestibular descobri que tinha muitos conteúdos que estava na prova que eu nunca tinha aprendido na escola pública. Então fiz dois anos de cursinho para aprender o que não aprendi na escola pública”.

A teia, que inicialmente se dava pela boa aluna, esforçada, dedicada, com pais que a apoiavam a “ser alguém na vida”, agora transita por outros elementos: vestibular, escola pública, falta de recursos, conteúdos não vistos e cursinho privado. Desarticular estes novos elementos poderia, portanto, distanciar Sara do ser mãe pesquisadora, e coloca-la como pretendiam os difusionistas, no papel “unicamente” de mulher mãe. E isso acontece com muitos alunos que querem ingressar em uma universidade, pois há a necessidade e condição de ter dinheiro para pagar um cursinho, para que possam articular novos conhecimentos, que a escola pública, não contempla, por vários fatores, que aqui, não serão discutidos.

Ainda que posterior a esta articulação de novos elementos que iam sendo inseridos diante dos “olhos” de Sara, em sua rede de conexões e alianças que foram rearranjadas, alguns outros modos de exclusão e marginalização ainda seriam postos diante da mesma. Pois, mesmo que adentrando a universidade, o caminho parecesse organizado e disponível para ser traçado, ela ainda se depara com o seguinte: a falta de representatividade de pessoas negras no curso que ingressou: “O número de pessoas negras, homens ou mulheres que vão avançando com a educação é mínimo, em muitos casos eu era a única negra do lugar, então isso chamou minha atenção”. Além das relações de gênero apresentadas neste trabalho, e analisadas em seu processo de articulação para a marginalização a naturalização da exclusão das mulheres, também poderíamos nos articular as questões referentes a etnia, que se trata também de um destes atores que formam a rede.

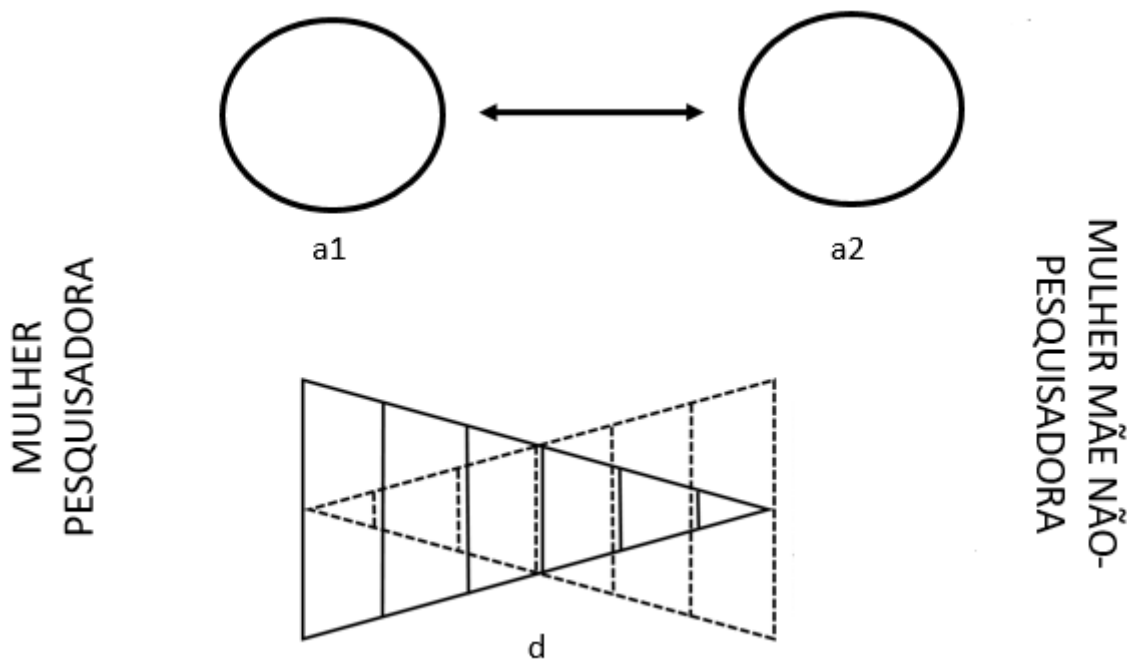
Para que possamos articular essa rede, buscando compreender estes processos de resistência e marginalização/exclusão da pesquisadora em questão, passaremos a fazer recortes de alguns trechos, episódios relatados e elementos apresentados por ela, para que assim, possamos reatar o nó górdio, purificado e

dissociado pelos modernos, buscando assim, rearticular como ocorre o processo de silenciamento de corpos de mulheres mães.

5.2 TECENDO A REDE QUE FORTALECE/ENFRAQUECE O SER MULHER MÃE PESQUISADORA

Antes de apresentarmos essa seção, gostaríamos de retomar a imagem 1 deste trabalho, agora com um recorte, pois, para que não pareçamos contraditórios em nosso discurso até aqui, e pareça que estamos apresentando os atores em lados opostos nas redes, como na representação dicotômica entre a1 e a2, nos atentaremos aqui a trazer os sujeitos que de algum modo se apresentaram enquanto atuantes no discurso da pesquisadora ao longo do seu percurso, sem posicioná-los de um ou outro lado, mas somente como elementos potentes de translação das posições da pesquisadora.

Figura 6. Da dicotomia moderna a rearticulação pós-moderna.



Portanto, o que será apresentado a seguir, é um processo de expor como os atuantes se articularam ao longo do processo de hibridização do ser mulher, mãe,

pesquisadora e todos os demais elementos que hibridizam Sara para além do binário mulher pesquisadora ou mulher mãe não-pesquisadora.

5.2.1 O local de uma mãe negra: babá?

Segundo Biroli (2011) a mídia é um grande mecanismo de articulação e estereotipação de corpos, do qual se alia a diversificados outros elementos para que possam tipificar os sujeitos, incluindo-os ou excluindo-os de determinados ambientes. Em uma relação de poder, tipicamente da sociedade contemporânea, eles posicionam nos mais distintos recursos midiáticos, estereótipos de padrões de beleza, onde o bonito é aquela pessoa branca, magra, alta de cabelo liso, nas novelas desde muitos anos atrás a mulher negra era vista como a escrava que cuidava dos afazeres domésticos e dos filhos das madames. Atualmente as mulheres negras ainda ocupam menos espaços nas telinhas do que as pessoas de cor branca. Para Lima (1996-1997) “Ninguém desconhece a galeria de papéis subalternos, de empregados domésticos, subservientes ou então estereotipados que foram sempre reservados a atores e atrizes negros”.

Por este motivo, de uma falta de representatividade em determinadas funções e espaços, que muitas vezes os negros são deixados as margens e excluídos socialmente, por meio de uma sobreposição de outros elementos junto a mídia, que fazem com que determinadas profissões sejam delineadas aos corpos negros. E isso reflete e muito na forma de pensar e agir dos seres humanos, pois são tantos estereótipos articulados ao nosso processo formativo, que as pessoas “normatizam” a cor da pele ao processo de profissionalização e exclusão.

Para Sodré (1999) muitas vezes isso ocorre em decorrência de uma negação da existência do racismo por parte da mídia, a não ser que seja de interesse noticiário de telejornais, negando a identificação dos sujeitos e símbolos negros. Isso gera o que o autor chama de estigmatização que desqualifica as diferenças entre negros e brancos, e também a indiferença profissional promovida pela falta de interesses em temas reservados a diversidade e as minorias.

E neste sentido, Sara nos apresenta um discurso em que enuncia uma narrativa na qual sofre por esta estereotipação quanto a cor de sua pele, que agregada ao fator de ser mãe, pode articular-se a outros elementos, buscando cada vez mais distanciar-se de seu poderio de ser pesquisadora. Segundo ela

“durante muitos anos e principalmente quando era bebezinho, ele era um bebezinho branco do cabelo liso preto. Eu ia nos lugares com ele e as pessoas achavam que eu era a babá dele. Poucas pessoas fora do meu círculo de amigos acreditava que eu era a mãe dele. Então eu passei por babá. Olha para você ver como é. E isso só foi mudando conforme ele foi ficando maior, mais ao longo da infância dele as pessoas conhecendo mais assim, quem não me conhecia enquanto ele era pequeno até uns seis anos e eu ia em lugares diferentes, sempre achavam que eu era a babá e não a mãe”. (trecho da resposta ao questionário)

A articulação deste episódio é importante ser salientada, exatamente por se tratar de que o filho de Sara é caracterizado por ela enquanto menino branco. O estereótipo de diferenciação e negação da diferença muitas vezes é articulado a múltiplos e diversificados atuantes, que parecem purificados e distantes das realidades, produzindo a naturalização da mulher negra, enquanto babá, doméstica e outros afazeres, historicamente linkados a mulher negra.

5.2.2 Para além da academia: como ficam o(a)s filho(a)s?

Ao nos atentarmos a produção da rede, é como se Sara a todo momento tivesse que provar, desvencilhando-se e rearticulando-se a outros múltiplos atuantes, que mesmo sendo mãe, ela poderia retomar sua possibilidade de ser pesquisadora. Ao se deparar com estes heterogêneos elementos, ela deve se (re)conectar com eles, buscando novas significações, para que de algum modo, não seja distanciada do seu objeto de ser pesquisadora.

Academicamente, sabemos que sendo pesquisadora, ela tem que produzir para progredir em sua carreira, articulam-se qualis de revistas, produções de patentes, divulgação de projetos de pesquisa e extensão, planos de aula, atividades de ensino, reorganização de ementas, coordenação de curso, departamentos acadêmicos e tantos outros afazeres da vida acadêmica, a rede torna-se inevitavelmente cada vez

mais rearticulada, mais potencializada, e ao mesmo tempo, põem-se diante de Sara, de modo a cada vez pergunta-la: você quer seguir? Ainda quer ser pesquisadora?

Para complementar e também se alistar a essa rede, outro forte e potente atuante adentra aos espaços de rearticulação de Sara, a chegada de sua filha. Já professora da UTFPR, Sara engravida novamente, e agora tem uma menina. Agora, além de ter de se articular aos seus conceitos, referenciais, projetos e demais atividades burocráticas da instituição, Sara, esposa, nora, filha, mãe de menino, agora também se torna a gestante, que logo se tornará mãe pela segunda vez, tirará licença maternidade, terá de se desvincular totalmente da universidade, e mesmo assim, produzir. Isso mesmo, produzir academicamente, mesmo que desligada completamente da instituição por seis meses.

Quando questionada sobre o “peso” em ter filhos durante a vida acadêmica, Sara é direta em dizer que não influenciam nesta diferenciação. Pois, para ela, ter de tomar conta de seus filhos, em seu papel de mãe, tornara-se natural, não tendo do que se queixar. A articulação de mídia, cultural, sociedade, ações governamentais, políticas sociais, se reúnem, articulam-se e dizem: faça mais, esforce-se e você conseguirá, caso contrário, deixe o espaço que outra “logo” o ocupará.

As relações de poder que são apresentadas diante dela, após esta extensa gama de articulações, se rearticulam junto a ela, produzindo estereótipos e naturezas, que somente os modernos poderiam credenciar como seus, em um desmembramento de todo o processo de resistência e rearticulação efetivados por Sara, sancionando somente uma possível verdade, a daqueles que merecem.

E neste processo de translação de interesses e objetivos, em prol de tornar-se pesquisadora, em sua luta diária, outros fatores, ainda se atravessam em seus discursos, como por exemplo a falta novamente da representatividade, agora em seu ambiente de trabalho.

5.2.3 O Ambiente de trabalho e a representatividade: onde estão as mulheres?

Ainda que tenham “saltado” etapas desde sua inserção na vida acadêmica durante a graduação, Sara ainda se depara com alguns elementos que anteriormente buscaram isola-la de seus interesses e desejos. Se na graduação a pouca

representatividade de pessoas negras intrigava-a, agora o que lhe deixa inquieta e curiosa é a falta de mulheres na instituição na qual trabalha.

Sara afirma que na “atual direção do meu campus não tem nenhuma mulher no cargo de liderança das diretorias que envolve a graduação, e se analisarmos as demais só existe uma”. Quando a pesquisadora afirma isso, ela mostra que ainda em instâncias superiores, a falta de representativa é articulada a outros modos, sejam eles os midiáticos ou outros, para naturalizar esta ausência, ou você acredita que poderíamos dizer aos modernos que isso é uma questão de gênero? E que sim, precisamos repensar a estrutura que fez com que isso fosse apresentado deste modo?

Neste processo de silenciamento e marginalização da professora Sara, em que a mesma teve de se rearticular aos elementos que queria excluí-la, notamos que ainda outros atuantes são postos na mesa diante da falta de representatividade, pois, por se estar vinculada a uma coordenação que conta com maior número de mulheres, então os “pares diretos têm agido de forma tranquila com relação ao meu pós-parto e minha licença me dando total apoio inclusive cobrindo agora minha licença capacitação para eu ficar mais tempo com minha filha”.

Agora, a falta de representatividade é “silenciada” e omissa, assim como fazem as mídias, para dar lugar a uma receptividade dos pares, de uma licença capacitação com absorção de aulas por parte destes colegas, uma filha que deva ser cuidada pela mãe, um pós-parto. Agora articulam-se outros fatores, para que Sara seja levado novamente ao dicotômico, agora ela é mãe, não mais pesquisadora.

Assim sendo, e para que possamos adentrar a outra seção, perguntamos: seria Sara, mãe ou pesquisadora?

5.3 – Naturalizando: meritocracia ou resistência?

Esse processo de repensar o binário entre ser mãe ou pesquisadora, perpassa por uma rearticulação e reconstrução do processo de se arquitetar enquanto identidade de mulher. Isso acontece pois, diante de um mundo que teima em apresentar uma purificação e aceitação das diferenças de gênero na profissão, em que segundo Lipovetsky (2007), as exigências do mercado de trabalho impõem à

mulher o exercício de auto superar-se, excedendo limites e muitas vezes se impondo modos rígidos consigo mesma, isto, na tentativa de ser reconhecida como um ser presente neste mercado, acabam por silenciar os processos de resistência das mulheres no âmbito acadêmico.

Ainda com relação a ideia de estereótipo que vem contornando e silenciando a história de Sara, ela afirma que “assumi a coordenação do meu curso e fui convidada para representar a minha área no conselho de graduação numa reunião mensal em Curitiba. O dia que cheguei na reunião qual era o cenário? Menos de 20% das representantes eram mulheres e somente eu era negra. Os demais eram homens, quase todos brancos, e com idade superior a quarenta anos. Eu fiquei chocada por perceber que em mais um lugar os negros e as mulheres quase não estão presentes.

Homens, brancos, héteros, que são aqueles que diariamente (re)produzem o que os currículos tradicionais já nos mostraram, um movimento histórico de manutenção das relações de poder, de hegemonia de sujeitos que tentam a todo curso manter a história de opressão silenciada. Essa divisão a priori das tarefas de cada um, tem muito a ver com este processo curricular, midiático e escolar, que faz com que se

relega as mulheres e homens a espaços pré-determinados de acordo com seu sexo/ gênero, é um fator importante do ponto de vista da exclusão. Ainda que se perceba uma ampliação do número de mulheres em atividades consideradas masculinas e uma ampliação do número de homens em ocupações consideradas femininas, a sociedade segue uma lógica determinista excludente e prejudicial a toda sociedade. Meninos e meninas estão sujeitos a esta lógica que escraviza e os/as impede de escolher uma carreira, sob pena de sofrer preconceitos, abusos, exclusões. (LUZ E CASAGRANDE, 2016.)

E neste processo de relações de poder e silenciamento de Sara, um longo articular de atuentes busca naturalizar um discurso machista e opressos, no qual silencia-se o processo de purificação, no qual resta a ela, em uma relação de troca de poderes, lugar, esforçar-se e merecer. Este processo de resistência, parece fazer parte do percurso de qualquer mulher mãe, que queira fugir dos estereótipos relegados a elas. A pesquisadora afirma que: “durante a minha gravidez eu trabalhei muito, fiz parte de comissões, coordenei o meu curso, ministrei aulas, fiz meu trabalho da melhor forma possível, então eu não tive nenhum problema com meus pares

indiretos e não teve nenhuma situação que me causou qualquer constrangimento pela gravidez”.

E se devido as contingencias de uma gravidez, Sara tivesse de se ausentar anteriormente ao seu trabalho? E se ela por algum motivo tivesse de trocar disciplinas por questões de insalubridade? Ou ainda, e se Sara, mantivesse seus afazeres do modo com que fazia antes... e se? Outros tantos fatores poderiam adentrar a essa análise, que deixaríamos aqui páginas e mais páginas de se. Mas ela ainda vai mais a fundo, e diz “eu acredito que por dois fatores (que contribuíram para não ter problemas com os pares): primeiro porque eu trabalhei de forma séria e me dediquei ao máximo para não dar motivos de conversa e segundo porque na gravidez as pessoas tendem a ti tratar melhor então ninguém me disse ou fez nada desagradável”. Diante da gama de elementos que são postos diante de Sara, ela acaba por se articular com um discurso purificado difusionistas, no qual ela diretamente desvinculada de seus movimentos de resistência, tornando aquilo somente parte de seus afazeres, seja empenhar-se ao máximo, ou ainda, que ela só conseguiu pois a ajudaram, pois estar “frágil”.

A ideia da fragilidade diante da mulher, muitas vezes é arrastada para dentro dos campos discursivos, para que de algum modo, a mulher seja mantida em locais previamente determinado pela sociedade machista, e assim, aceitem seu “papel” em comunidade, seja ela profissional ou familiar.

Neste processo de aceitação das “limitações” e silenciamento dos processos de resistência de Sara, podemos afirmar que ao adentrar a rede, a pesquisadora em sua relação de poder, acaba por acatar o processo de higienização e purificação das suas possibilidades em sociedade. Para Latour e Woolgar (1997, p. 91), “quando um enunciado é imediatamente tomado de empréstimo, utilizado e reutilizado, chega-se logo ao estágio em que ele não é mais objeto de contestação. [...] O fato é incorporado aos manuais universitários”.

Neste sentido, parece-nos interessante pensar que este processo longo e árduo de resistência das mulheres profissionalmente, principalmente no que tange as mulheres mães, são rearticulados em forma de silenciamento, buscando uma purificação dos modos de exclusão das mulheres de alguns modos de existência e prática profissional. Neste sentido, pensar como se articulam os diversos elementos

que foram apresentados ao longo deste capítulo, nos dá a possibilidade de dar novamente vida aos processos de silenciamento e exclusão das mulheres, repensando como ocorrem as relações de poder, e questionando-as não mais buscando igualdade em um mundo produzido por homens, mas sim, por uma reconstrução dos processos normativos do ser mulher-mãe.

6. (DES)CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender durante o desenvolvimento desta pesquisa um pouco do que uma mulher-mãe-professora passa e quais os motivos a levam, de forma silenciosa, a ser interdita de agir e fazer determinadas atividades acadêmicas e profissionais. Sara foi nossa personagem principal, que com suas enunciações de vida nos apresentou diversos e heterogêneos elementos\atores que se articularam em sua caminhada, muitas vezes desarticulando-a de seus objetivos por meio de processos translativos, e outras vezes fortalecendo seus modos de resistência em um ambiente culturalmente avesso a potencialização das mulheres.

Neste percurso, muitas vezes dicotômico, de uma sociedade machista e patriarcal, ela teve de resistir a diversos elementos que faziam com que ela se sentisse excluída e o que lhe fortaleceu para continuar até tornar-se pesquisadora, mediante a tantos caminhos que levavam ela a não ser pesquisadora. Percebe-se que Sara a todo momento passa por processos de translação híbrida, em meio a rearticulações, contradições, exclusões e estereotipação por causa da cor da sua pele, onde ela era vista como babá do seu filho e as pessoas a diferenciavam pela cor. Muitos elementos eram constantemente rearticulados em prol de um silenciamento de Sara, de “colocá-la em seu devido lugar”, como que previamente este já estivesse estabelecido, a partir do momento que ela se tornasse mãe.

Mesmo havendo tantas mudanças em relação a ocupação de cargos profissionais entre homens e mulheres, ainda a representatividade de mulheres em alguns é menor do que a dos homens, sempre estabelecidos de modo purificado e natural, como se já existissem antes mesmo do processo acadêmico de profissionalização. Como no caso de Sara ela era a única mulher entre tantos homens que ocupava um cargo de liderança, e com o seu afastamento, tornar-se perceptiva a falta de representatividade de mulheres mães negras nesta função.

Mas Sara não se faz de rogada, pois notoriamente, em seu discurso final, diz com certa sanidade que: “não, eu não sofro no meu ambiente de trabalho por ser mãe!”. É nesta naturalização e purificação que buscamos nos atentar ao longo do trabalho, mostrando para você leitor que muito além das lutas de classes, de gênero e étnicas, devemos nos atentar principalmente com o modo que usamos nossa luta e

resistência, sem que no final nos tornemos aquilo que mais tememos, que é um discurso emancipatório e naturalização, que se aproxima em muito da meritocracia.

Para que possamos finalizar, gostaríamos de deixar aqui uma provocação: você, que nos lê até aqui, já se perguntou quanto é privilegiado em seu local de trabalho e formação?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana C.D. Uma introdução aos Estudos Culturais. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 9, pag. 87-97, dezembro. 1998.

HALL, Stuart. (1980) "Cultural studies: Two paradgms" in Media, Culture and Society, vol.2, n 1, SAGE, London, New-bury Park and Delhi, 57-72.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. A guerra das ciências. **Folha de S.Paulo, Caderno "Mais!"** 1998.

_____. As variedades do científico. **Folha de S.Paulo, Caderno "Mais!"**, 1997a.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo**. n.14, dez. 2006. p.341-352.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. "O futuro da terra é decidido no concílio híbrido de Kyoto". **Folha de S.Paulo/Caderno "Mais!"** – 1997.

_____. **On recalling ANT. Em Actor Network Theory and After**, org. por John Law e John Hassard. Keele, Backwell Publishers/The sociological Review, 1999.

_____. *Os filtros da realidade*. Separação entre mente e matéria domina reflexões acerca do conhecimento. **Folha de S.Paulo, Caderno "Mais!"** – 1998a.

_____. **Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru SP: Edusc. 2004.

_____. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André. **Tramas da rede – Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p.39- 63.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. The trouble with Actor-network Theory. **Danish Philosophy Journal**, v. 25, n. 3 et 4, p. 47-64, 1997b.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, John. **After ANT: complexity, naming and topology**. Em Actor Network Theory and After, org. por John Law e John Hassard. Keele, Backwell Publishers/The sociological Review, 1999.

_____. **Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade**. Trad. Fernando Manso. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br>>. Acesso em: 13 jul. 2012. 1992.

MALHEIROS, B.T. E THEOTO ROCHA, F. (2000). Metodologia da pesquisa em educação. Grupo Gen – LTC.

RAGO, M. A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Unicamp, 2013.
<https://doi.org/10.7476/9788526814691>

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

TURNER, Graeme. (1990) British Cultural Studies: An Introduction. Boston Unwin Hyman.

YANNOULAS et al. Feminino e academia. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.81, n. 199, set/dez 2000, p. 425-451.

LUZ, da S.N.; CASAGRANDE, S.L. Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual do trabalho. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.